

Leituras Críticas e Mediações Didáticas em “Diário de um Banana: Dias de Cão”, de Jeff Kinney

Critical Readings and Teaching Mediations in “Diary of a Wimpy Kid: Dog Days”, by Jeff Kinney

Lidiane Cossetin Alves¹

Marcia Cossetin²

Taysa de Mattos Dutra Maiberg³

Resumo: Este artigo tem como objeto a obra “Diário de um Banana”, cujo foco será em seu volume 4, “Dias de Cão”, do autor norte-americano Jeff Kinney. A intenção é compreender como o livro tornou-se um dos mais lidos entre o público infantojuvenil e, além disso, problematizar a sua leitura na escola. Apresentar-se-á os elementos composicionais que incitam as crianças e os jovens à leitura da obra. Tem-se como fundamentação teórica autores que estudam a construção do gosto da leitura pelo público infantojuvenil: Lajolo e Zilberman (1985), Azevedo (2004), Britto (2003), Goés (1984), Bakhtin (2002) Mundt (2011) e Vilella (2014). Sendo assim, conclui-se que o cotidiano do personagem principal possibilita uma identificação com o público ao qual se destina, preponderando a verossimilhança durante a narrativa. Apreende-se, ainda, que os professores podem utilizá-lo em sala de aula como ampliação do conhecimento literário e demais literaturas.

Palavras-chave: Literatura; leitores; leitura e mediação; Diário de um Banana.

Abstract: The article in question has as its object of study the book "Diary of a Wimpy Kid", specifically the volume of book 4 "Dog Days" from the American author Jeff Kinney. The intention is to understand how the book has become one of the most read between the kids and adolescents public, as evidenced from the sale and, moreover, discuss the reading at school. Get introduced will, then the compositional elements that encourage kids and adolescents people to read the work. For this article, has as theoretical foundation authors who study the construction of taste and habit of reading the kids and adolescents public: Lajolo and Zilberman (1985), Azevedo (2004), Britto (2003), Goés (1984), Bakhtin (2002) Mundt (2011) and Vilella (2014). It was concluded that, among the elements that make the work a success of sales and acceptance, is the approach of the everyday life, creating identification with the public it is intended, prevailing verisimilitude during the narrative. It is also understood that teachers can use it in the classroom as an extension of literary knowledge and other literature.

Keywords: Literature; readers; reading and mediation; Diary of a Wimpy Kid.

¹ Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira (UNINTER). Pós-graduanda em Mídias Digitais para Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), graduanda em Artes Visuais (UNINTER). Atualmente desenvolve a pesquisa intitulada "Canções de mulheres na América Latina: um feminismo unido pela emancipação de todas". Beneficiária do auxílio financeiro da CAPES- Brasil. <http://lattes.cnpq.br/9496261499317031>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0678-1533>. E-mail: lidicossetin@yahoo.com.br.

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Especialista em História da Educação Brasileira e Graduada em Pedagogia pela UNIOESTE. Atualmente é Professora Adjunta e Diretora do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) no Departamento de Educação da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). <http://lattes.cnpq.br/7641442717354036>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5005-7756>. E-mail: marciacossetin@yahoo.com.br.

³ Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Positivo. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professora no município de Cascavel-PR. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2451-2591>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4170904967424731>. E-mail: taysa_maiberg@hotmail.com.

Introdução

As literaturas infantil e infantojuvenil são uma temática de estudos pouco explorada no Brasil, em decorrência de algumas características construídas historicamente, no que versa o utilitarismo e a exploração didática/escolar, contando também com a expansão do mercado editorial especializado em instâncias normatizadoras, tais como a escola e a academia (BRITTO, 2003, p. 99-100).

Ainda assim, salienta-se que a literatura exerce um papel importante na formação intelectual dos sujeitos, especialmente ao se tratar de crianças e adolescentes, pois, por meio dela, pode-se incentivar o desenvolvimento da criatividade, da criticidade, da ampliação do vocabulário discursivo ou, ainda, pode tornar-se um ato de lazer, evidenciando a fruição. Para Britto (2003), é necessário que seja incentivada a leitura de maneira crítica e consciente como uma ação política do ato de ler, tomada como atitude a ser adotada por toda a sociedade, não apenas em âmbitos escolares.

Ao refletir acerca dos textos, sejam dedicados ao público infantil, infantojuvenil, ou não, compreende-se que são locais de enunciação e produtos da interação verbal, ou seja, o texto é escrito por alguém e torna-se objeto de leitura de outrem. Essa relação que se estabelece entre autor e interlocutor constitui-se em momentos de interação que podem produzir novas enunciações, proporcionadas pelo texto.

A obra literária retrata, assim, a concretude de um planejamento realizado pelo autor como um sujeito da enunciação – o qual o engendrou e o executou conforme seus objetivos em determinadas situações em que se encontra –, dependendo, então, das suas intencionalidades e das possibilidades que dispunha para executá-las; e o faz por meio da linguagem escrita, tendo, no caso da literatura infantil ou infantojuvenil, seu público-alvo e interlocutor a ser alcançado.

Bakhtin (2002, p. 262) assinala que “[...] o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação”. Assim, entende-se que, ao escrever, o autor irá decidir por determinada temática e não outra, por esse gênero discursivo e não aquele,

também, isto, em função dos interlocutores que pretende atingir com seus escritos e do que planeja suscitar nesses interlocutores.

O assunto abordado neste artigo constrói-se a partir da preocupação em conhecer a obra “Diário de Um Banana: dias de cão”, de Jeff Kinney, identificando características constitutivas que podem contribuir para a criticidade e o interesse dos leitores, que vão desde crianças até adolescentes, considerando que possui boa aceitação junto a esse público.

A escolha da obra “Diário De um Banana” deu-se por sua repercussão positiva no mercado editorial entre o público infantil e infantojuvenil contemporâneo e pela preocupação com a influência dessa obra em relação a seus próprios leitores. Contudo, como a coleção é composta por 14 livros e, considerando a especificidade temporal do estudo proposto, tratou-se somente da análise do livro de volume 4, intitulado “Dias de Cão”.

Para tanto, a fundamentação teórica centrou-se em autores que estudam a construção do gosto pela leitura no público infantil e infantojuvenil. Ainda, no sentido de considerar o autor como um produtor de enunciados direcionados ao público infantojuvenil, buscaram-se documentos jornalísticos a fim de tratar de suas intencionalidades e compreensões ao escrever a obra. Ademais, apresentou-se tais literaturas e suas relações com a criança, assim como essa relação e envolvimento se estabelecem. Por fim, fazem-se os apontamentos sobre a obra “Diário de um Banana: Dias de Cão”, considerando os principais fatores que possam contribuir para a formação do leitor e de que maneira essa obra pode ser utilizada em sala de aula, salientando a sua importância na formação do gosto pela leitura entre o público infantil e infantojuvenil.

A construção do *best-seller* *Diário de um Banana*

A série o *Diário de Um Banana* foi lançada no ano de 2007 e conquistou o público infantojuvenil por se tratar de uma proposta literária atrativa e inovadora. A série é composta por uma coletânea de 14 livros e foi escrita por Jeff Kinney, escritor e ilustrador norte-americano de grande influência. Em entrevista, o autor afirmou que se inspirou em sua própria infância e adolescência, dizendo que, naquele período,

acreditava-se um tanto “banana”, entusiasmando-se a produzir a série (CARDOSO, 2013).

Em uma reportagem com o autor, Cohen (2013) divulgou sobre o processo criativo do norte-americano, informando ter alcançado mais de 75 milhões de exemplares vendidos em âmbito mundial. Já no Brasil, até 2013, sua aceitação e venda resultou em mais de 2 milhões de cópias vendidas, desde o lançamento de seus livros em 2007. Outrossim, é um *best-seller* de grande sucesso mundial, considerado um fenômeno da literatura infantojuvenil, tendo como editora responsável pelos direitos autorais da tradução a Vergara & Ribas Editora Ltda. Ademais, foram traduzidos para mais de 44 idiomas, além do inglês. Acerca do sucesso dessa coletânea entre o público infantojuvenil, Villela (2012) traz a seguinte contribuição:

Em pleno século XXI, época em que supostamente cada vez menos crianças e adolescentes empenhariam seu tempo em leituras de obras ‘tradicionais’ como o gênero diário, o primeiro livro da série alcançou um sucesso estrondoso nos Estados Unidos, sendo seguido por outros cinco volumes, cujos subtítulos são: *RodrickRules* (tradução brasileira: *Rodrick é o cara*); *The laststraw* (tradução brasileira: *A gota d’água*), *Dogdays* (tradução brasileira: *Dias de cão*), *The uglytruth* (tradução brasileira: *A verdade nua e crua*) e *CabinFever* (tradução brasileira: *Casa dos horrores*) (VILLELA, 2012, p. 66).

Além disso, a série da obra acompanha mais dois volumes extras: *Diário de um Banana: Faça você mesmo*, em que o leitor participa do enredo do livro, podendo relatar acontecimentos de sua vida particular como se fosse um diário, no qual o autor auxilia, apresentando trechos para serem completados, ou seja, o leitor escreve a próprio punho, como se estivesse participando do livro. E a obra “*Diário de um Banana: O livro do filme*” conta a história de como o livro foi adaptado ao campo cinematográfico, tal como a escolha dos personagens, filmagens, enredo e também a trajetória de Greg, o personagem principal.

O sucesso do livro é indiscutível, mas vale aqui apresentar como foi o percurso de elaboração pelo qual o autor passou para chegar ao produto final de sua obra. Nesse sentido, Kinney teria criado, originalmente, em oito anos de trabalho, uma história em quadrinhos gigantesca, que contava com 1.300 páginas e apresentava a trajetória do pré-adolescente Greg Heffley, demonstrando vivências

cotidianas do garoto no colégio onde estudava, além das tentativas de ser aceito socialmente pelos colegas. Todavia, a editora preferiu dividir a obra em volumes e

[...] direcioná-la ao público infantil, diferentemente do que Kinney havia imaginado a princípio. A série, então, ganhou o formato de um diário, intercalado por ilustrações. O diferencial da trama é que nem sempre o garoto toma decisões éticas. Trapacear e mentir para os pais fazem parte das habilidades do menino (COHEN, 2013).

Neste ínterim, assinala-se a verossimilhança do texto com o mundo cotidiano, simbolizada pelo autor em sua obra: ao passo em que apresenta as divergências éticas e morais em sua obra, Kinney aponta para a definição e aperfeiçoamento da personalidade infantil, contando com situações características da imaginação, tal como a mentira. Ademais, o autor assevera que apenas traduz e descreve o cotidiano comum de uma criança do século XXI (COHEN, 2013).

Dessa forma, pode-se considerar que a obra *Diário de um Banana: Dias de cão* se identifica tanto com a definição das próprias histórias em quadrinhos (HQ) – inicialmente delineadas pelo autor –, quanto com o próprio gênero diário, pois o narrador-personagem Gregory (ou Greg) descreve tudo o que faz e sente no período de suas férias escolares.

Ainda, Horn (1976, p. 728) descreve as HQs como narrativas que unem textos verbais e imagens dispostos ordenadamente; partindo de tal premissa, pode-se inculcar à obra de Kinney a complexidade das HQs a partir de suas semelhanças, ainda que seja uma narrativa característica de um romance infantojuvenil com intercalações de imagens ilustrativas e elementos gráficos das histórias em quadrinhos, quais sejam: falas introduzidas por balões, imagens que ilustram a discussão escrita, compreensão da narrativa por meio da complementação imagético-visual; conforme pode ser visualizado nas Figuras 1 e 2, que seguem.

Figura 1. Exemplo de características visuais e verbais do volume Diário de Um Banana: dias de cão.



Fonte: Kinney (2011).

Figura 2. Exemplo de características visuais e verbais do volume Diário de Um Banana: dias de cão.



Fonte: Kinney (2011).

Outrossim, ao tratar das relações de similitudes com a escrita em um diário, novamente a obra aponta elementos visuais que remontam a um caderno que dispõe de linhas e, ainda, aparenta ser escrito à mão, pois utiliza uma fonte gráfica que garante tal caracterização ao formato da letra. Ainda mais, ao utilizar a linguagem informal e tratar de situações vivenciadas cotidianas, o personagem Greg narra em primeira pessoa sua trajetória que, particularmente a ele, é trágica.

Ademais, Mundt (2011) ressalta que a literatura infantil é escrita, traduzida e analisada por adultos, com a finalidade voltada para o público infantil, classificada como

[...] aquela que foi escrita, publicada para e/ou lida por crianças e jovens. [...]. Assim, o produtor do texto (seja o autor ou o tradutor) deve conhecer as peculiaridades de seu leitor: seu nível de desenvolvimento cognitivo, sua bagagem cultural, suas características dentro de sua cultura e a visão que a própria cultura e sociedade nela inserida têm dessa criança (MUNDT, 2011, p. 286).

A partir de tal premissa, o autor Kinney consegue atingir seu público-alvo por meio da verossimilhança da narrativa textual e visual, sendo a escrita envolvente e criativa no que se refere aos elementos verbais próximos da realidade infantil e a ilustração que se assemelha às HQs, tendo conquistado milhares de leitores por todo o mundo⁴.

Diário de um Banana – dias de cão: compreensões possíveis entre leitura e mediação docente

A obra *Diário de um Banana: Dias de Cão* é um livro que interage com o leitor, apresentando situações engraçadas e envolventes, capazes de proporcionar diversas emoções, sejam elas de raiva ou tristeza, e bastante enfatizada a alegria durante a narrativa ao disponibilizar inúmeros momentos cômicos. Sobre isso, Fantinati, Antunes e Martha (2004, p. 177) apontam que “o cômico possibilita [...] o reconhecimento de discrepâncias e incongruências, facilitando seu acesso aos textos literários que se utilizam do efeito do estranhamento” oportunizando ao “leitor voltar à realidade com uma visão mais questionadora”.

A obra é composta por um ideário interacionista, buscando inúmeros recursos linguísticos, narrativos e editoriais que asseguram a verossimilhança do gênero “diário” com a realidade cotidiana do leitor. À exemplo, destacam-se suas 218 páginas de cor envelhecida, como recurso estético a fim de assemelhar-se a um diário antigo; a obra também dispõe de fontes que simulam letras manuscritas, unidas a recursos visuais da ilustração referente ao episódio narrado – feita pelo próprio autor. Ademais, outro recurso estilístico que assegura o ideário interacionista da obra – autor, texto e leitor como coprodutores de significados textuais, visuais ou

⁴ Ainda que existam discussões referentes à morte do autor, não é o estudo deste caso, tal como toma-se a produção de Kinney considerada pelo viés de produtor de enunciados visuais e verbais; suas considerações e intenções devem estar presentes neste estudo, uma vez que ele também possa interferir na interação da obra com o leitor durante a produção.

verbais –, é composta por um fluxo psicológico do pensamento do narrador-personagem – disposto em primeira pessoa –, trazendo a realidade cotidiana da vida familiar rememorada por Greg.

Sendo assim, o conteúdo verbal da obra é intercalado com ilustrações em preto e branco, que parecem ser desenhadas à próprio punho, tornando a leitura prazerosa por, novamente, equiparar-se a uma produção verossímil ao diário ficcionalizado. Dessa forma, ao encontro dessa questão, Villela (2012) postula que a ilustração é capaz de promover o desenvolvimento das competências leitoras na criança, tanto verbal como não verbal, permitindo que ela desenvolva, ao mesmo tempo, a sua imaginação e um diálogo com o autor.

Essa forma de organização demonstra uma composição que atrela vários elementos que compõem o enunciado, não havendo separação entre eles: as imagens, organização e disposição do texto, o próprio texto, a linguagem utilizada, a editoração, entre outros recursos; todos revelam e engendram a intencionalidade na construção do sentido estabelecido entre interlocutores, considerando-se, ainda, que o texto é marcado por determinada visão de mundo – a de uma criança em suas vivências, experiências, entraves e divergências cotidianas.

Quanto aos personagens da obra, estes possuem nomes em inglês, mantendo alguns aspectos da cultura americana. A família em questão é composta por pai, mãe e três filhos, cujo personagem principal é o filho do meio: Gregory Heffley. Já sobre o conteúdo de *Dias de Cão*, este se baseia na história de Greg, um garoto de 13 anos que está cursando o Ensino Fundamental. O personagem está de férias escolares e o que mais deseja é ficar em casa jogando videogame, mas seus planos não acontecem como gostaria, pois seus pais buscam formas de mantê-lo ocupado, como fazer com que ele saia com os amigos para brincar, impedindo que fique somente em casa.

O enredo evidencia conflitos familiares, pois demonstra o ressentimento de Greg – que acredita que os pais dão maior atenção ao seu irmão mais novo, Manny. O personagem-narrador é contrário às regras que os pais determinam para seu comportamento; mostra, também, dificuldade de relacionamento com o irmão mais velho de 16 anos, Rodrick, que o atormenta com brincadeiras “bobas”, conforme evidenciado no trecho: “Hoje o Rodrick entrou no meu quarto e tive que passar a

manhã tentando limpar da minha boca o gosto de uma meia suja” (KINNEY, 2011, p. 45), apresentando decepções e irritações com o irmão mais velho.

Em diversas tentativas de violar as regras impostas pelos pais, Greg utiliza-se de mentiras para convencimento, mas seus pais descobrem tais artimanhas, ocasionando em castigo para o menino. Tratando-se de um fluxo de consciência exposto pelo narrador-personagem Greg, os castigos que os pais lhe aplicam são cruéis, destacados como “extremos” ao longo da história e, dentre eles, estão os de ficar sem jogar videogame e sem assistir televisão durante as férias, entre outros.

No decorrer do enredo, Greg é advertido em diversas situações e confusões por tentar escapar das responsabilidades. Participa do “clube do livro”, vai ao clube aquático e à piscina municipal, assiste à filme de terror, comemora seu aniversário de um jeito diferente, ganha um bichinho de estimação. Essas são algumas das questões abordadas seguidamente no presente artigo.

Portanto, questiona-se: “a obra ‘Diário de um Banana: dias de cão’ pode influenciar na formação do leitor?” e “como os professores poderiam utilizar a obra em suas considerações pedagógicas?”. Inicialmente, atenta-se a Azevedo (2004) quando aborda que leitores são os que usufruem de diversos tipos de leituras; ou seja, leem desde literaturas científicas, didáticas, até textos religiosos e informativos; sendo assim, os leitores podem ser descritos como aptos a usarem qualquer tipo de texto, seja em benefício próprio, para obterem informações ou para entretenimento.

Durante a formação leitora é fundamental que se estabeleça uma consonância entre a pessoa que lê o texto e o autor, isto é, essa leitura deve ser prazerosa, de forma que o leitor se identifique com ela e tenha a liberdade de fazer interpretações e inferências do que está lendo, participando dessa leitura como um ser pensante e crítico.

Sendo assim, “[...] é preciso afirmar, e veementemente, que a literatura de ficção, [...] e outras, pode ser também uma forma de pensar sobre a vida e sobre o mundo” (AZEVEDO, 2004, p. 40). Ademais, tendo em mente que o leitor agirá sobre sua leitura, interativamente, evoca-se a identificação deste leitor com a obra “Diário de um Banana: dias de cão”, uma vez que toda sua constituição e construção – literária, visual e editorial – são voltadas ao próprio público, conforme dissertado anteriormente. Neste sentido, é válido que se afirme que a ação docente possa utilizar todos estes recursos literários supracitados em sua prática pedagógica,

explorando não apenas os conteúdos formais programáticos dos currículos escolares, mas também questões relacionadas às emoções e humanidades, assuntos que são abordados em “Diário de um Banana: dias de cão” de forma implícita, exigindo a inferência do leitor sobre seu próprio mundo emocional: inicia-se uma ação pedagógica relacionada com a interação.

Assim sendo, por meio de uma trama e de personagens de ficção, é possível discutir assuntos que acontecem no cotidiano das pessoas, isto é, as paixões e as emoções humanas, a busca pelo autoconhecimento, a tentativa de compreender particularidades, as inúmeras dificuldades de compreender o próximo e, ainda, os diferentes pontos de vista sobre um mesmo assunto. É possível, também, por meio de uma história de ficção, serem abordados temas como sexualidade, respeito, família, ética, preconceito, dentre outros. Diante disso, Azevedo (2004) defende que as

[...] crianças, na vida concreta, inconscientemente ou não, buscam seu autoconhecimento e sua identidade; têm sentimentos e razão; sonham e se apaixonam; têm dúvidas, medos e prazeres; ficam perplexas diante da existência de múltiplos pontos de vista; têm dificuldades em separar a realidade e fantasia; são sexuadas e mortais. Em suma, são essencialmente seres humanos (AZEVEDO, 2004, p. 42).

Ao apresentar uma criança constituída de características humanas, Azevedo (2004) assegura a possibilidade de que sejam trabalhadas tais temáticas de diversidades justamente por ser um recurso que venha a estabelecer uma conexão com a criança real, isto é, aproxima a trama e a personalidade do menino Greg com a criança leitora contemporânea. Ademais, essa criança leitora, talvez, conforme evidencia Azevedo (2004), busque seu autoconhecimento e sua identidade, podendo estar nesses aspectos um dos elementos que fez essa obra ganhar tanta notoriedade e aceitação pelo público infantojuvenil.

Além de retratar um menino contemporâneo, o autor também traz à narrativa as características próprias do seu país de origem, como os costumes e a cultura norte-americana, tais como quando Greg narra a organização de suas férias – as quais acontecem durante o início do mês de junho, que são férias de verão nos Estados Unidos, sendo, contudo, aqui no Brasil inverno, e as férias brasileiras acontecerem no mês de dezembro. Neste íterim, já dissertando acerca da ação docente, esse seria um breve exemplo ao público leitor sobre as diferenças e

similitudes culturais e climáticas entre os países. Tais caracterizações que contrastam as culturas brasileiras com as norte-americanas são demasiadamente importantes, uma vez que não destoam do campo de expectativas do leitor: informam-no sobre uma realidade parecida, porém diferente.

Em continuidade à narrativa, para Greg, as férias correspondem a um período durante o qual não se faz absolutamente nada de produtivo, a não ser jogar videogame: “Gosto de passar as férias de verão na frente da TV, jogando videogame com as cortinas fechadas e a luz apagada” (KINNEY, 2009, p. 01). Essa postura preocupa sua mãe que tenta sempre reverter a situação, buscando formas para que seu filho brinque e saia de casa, que gaste energia, e divirta-se como uma criança que necessita aproveitar sua infância. Porém, Greg não vê dessa forma e quer mostrar para sua mãe que ela está errada, opinando: “A mamãe diz que não é ‘natural’, um garoto ficar dentro de casa quando está sol lá fora. Eu digo que só estou tentando proteger minha pele para não ficar enrugado quando for velho como ela, mas ela nem ouve meus motivos” (KINNEY, 2009, p. 02). Neste ínterim, o protagonista busca também a formação de sua própria identidade, tal como pontuado por Azevedo (2004), pois Greg idealiza e planeja suas férias de verão diferentemente daquilo que sua mãe havia planejado. Assim, a verossimilhança estabelece-se por meio dos conflitos e divergências cotidianas familiares, pelo ponto de vista infantojuvenil. Neste sentido, a preocupação com o leitor e seu reconhecimento com a obra é importante: devido a influência que uma literatura pode ter na sua vida; Lajolo e Zilberman (1985) dissertam sobre esse sentimento de afetividade entre o leitor e o livro:

O relacionamento da criança com o livro se faz por meio de uma adesão afetiva, resultado de uma identificação. Nesta medida, uma abordagem da literatura infantil não pode obscurecer o reconhecimento do papel que o leitor desempenha neste processo, o que significa considerá-lo não apenas um receptor passivo de mensagens e ensinamentos, mas, sobretudo um indivíduo ativo, que aceita ou rechaça o texto, na medida em que o percebe vinculado ou não a seu mundo (LAJOLO; ZILBERMAN, 1985, p. 22).

Com isso, ao tratar de uma literatura voltada para crianças em salas de aula, deve-se compreender que o público-alvo, durante a recepção da obra, pode destacar reflexões acerca do enredo e evidenciar as identificações junto à criança a

partir das situações e sentimentos provocados pelo livro, mostrando fatores que podem ser prejudiciais para seu desenvolvimento físico e saudável, tendo o cuidado para não infantilizar a obra ou deixá-la imponente ou incontestável.

Com isso, é possível destacar que há crianças na atualidade que têm comportamentos, posições e reflexões que se assemelham a Greg: possuem opiniões, questionam, podendo até não conseguir o que desejam, mas são livres para falar e ser ouvidas. Ainda com base no discurso de Greg, percebem-se também os desacordos entre gerações passadas e contemporâneas, em que o brincar físico já não faz parte do cotidiano infantil como fez no passado, dando espaço à tecnologia; o que tem permitido uma nova configuração do que se entende por hábitos de crianças que, infeliz e frequentemente, são compreendidos como apáticos e sedentários. Assim, a exposição de tal incompatibilidade de anseios entre gerações, permite que o leitor da obra possa mais uma vez identificar-se com o personagem.

Outrossim, conflitos com o pai também estão presentes, não encerrando-se apenas à figura materna. Em dado momento, Greg confronta seu pai que não consegue entender, nem aceitar, quando o filho troca o dia pela noite.

Atualmente, a grande questão entre nós são as minhas horas de sono. Durante o verão, gosto de passar a noite acordado vendo TV ou jogando games, e depois dormir a manhã toda. Mas, o papai fica meio incomodado se eu ainda estou na cama quando ele volta do trabalho (KINNEY, 2009, p. 13).

Então, ao passo em que os pais do personagem lhe atribuem uma caracterização negativa quanto aos horários, aponta-se o comportamento de Greg como inadequado na visão dos pais e adequado em seu ponto de vista infantil. Tal caracterização conflituosa é espelho, inclusive, da transição entre a infância e a adolescência que vivem as crianças e jovens, justamente leitores da obra. Assim sendo, novamente, afirma-se que há verossimilhança como um recurso amplamente utilizado durante o enredo.

Além disso, muitos dos costumes relatados pelo personagem não são amplamente permitidos pelos pais, como assistir televisão a noite toda ou jogar videogame sem limite de tempo. Neste ínterim, ao considerar a leitura da obra realizada em contextos educacionais, com atividades que envolvam questões

interpretativas e críticas dentre leitores-alunos e mediadores-professores, pode-se sugerir um debate acerca de limites impostos, escolhas individuais e saúde do/no cotidiano infantojuvenil. Ou seja, discutir com os alunos o porquê de tais comportamentos e ações não serem adequados e as razões pelas quais os pais limitam os gostos de Greg.

Assim, a obra apresenta o relacionamento familiar, delimitando as figuras da mãe e do pai. A mãe não trabalha fora, o que facilita estar presente na vida dos filhos de modo participativo e tem, ainda, o desejo de estar com a família reunida e em harmonia, preocupando-se bastante com o comportamento de Greg e, por esse motivo, procura manter constante diálogo, questionando sobre suas atitudes comportamentais. Já a figura do pai está associada ao único provedor da família, cuja classe social é pertencente à classe trabalhadora, tendo que controlar, com rigor, as despesas familiares. A sua relação com a família é estável e demonstra preocupação e cuidado com os filhos. O papel desempenhado pela mãe e pelo pai são bem delimitados, apresentando uma configuração familiar tradicional patriarcal: o pai o provedor e a mãe a cuidadora. Apresentação que também pode ser problematizada ao se tratar do trabalho docente em âmbitos escolares, já que existem inúmeras formações familiares divergentes à apresentada no livro.

Lajolo e Zilberman (1985), no que tange à transmissão de uma “moral da história”, ou um texto utilitarista, enfatizam: a literatura não deve atrelar-se a transmitir ensinamentos, mas, sim, estabelecer vínculos entre o leitor e seu próprio mundo, oportunizando-o criticidade e contestação da realidade. A formação do leitor crítico se dá pela percepção da obra durante e depois da leitura, englobando todos os âmbitos nela relacionados: a editoração, o narrador, a linguagem verbal e não verbal, a disposição das imagens e do texto em suas interações, dentre outras tantas características já discutidas. É neste sentido em que a obra em seu transcorrer não apresenta preocupações em transmitir uma “moral” para o leitor, pelo contrário: simboliza a realidade da vida de uma criança comum dos dias atuais, ou seja, ficcionaliza e fabula tal como faria uma criança.

Ademais, Lajolo e Zilberman (1985) consideram como algo negativo infantilizar a criança na narrativa ou durante a leitura, pois não deve prendê-la em um mundo completamente diferente do horizonte de expectativas do leitor. Se o livro alcançar este objetivo, contribuirá para o desenvolvimento da personalidade infantil.

No decorrer da história, Greg vai à piscina de um clube onde Rowley, seu amigo, é sócio. Também faz um passeio com sua mãe e seu irmão caçula ao clube Municipal, demonstrando insatisfação e evidenciando as diferenças sociais entre um e outro:

[...] mamãe vive tentando me fazer ir a piscina com ela e meu irmãozinho, Manny, mas o negócio é que minha família é sócia da piscina MUNICIPAL, e não da piscina do clube. E, depois de provar da vida clubística de lá, é difícil voltar a ser um Zé-ninguém (KINNEY, 2011, p. 06).

O livro, ao tratar da questão social da família, salienta possíveis problematizações acerca de questões sociais e financeiras, já que, em outros momentos da história, Greg esconde do amigo sua condição econômico-social, mentindo que é rico. Essa problemática pode ser apresentada e discutida pelo professor com seus alunos em sala de aula ao trabalhar com a obra, pois, conforme evidencia Góes (1984) não se deve “[...] transmitir, nem dar para as crianças livros que contenham preconceitos, racismo de qualquer espécie” (GÓES, 1984, p. 24), mas que destaquem as diferentes formas de relações sociais, incluindo condições financeiras ou crenças religiosas, por exemplo.

Para Góes (1984), a importância do conteúdo literário deve, sim, corresponder ao mundo infantil, levando em consideração a condição social e a diversidade de regiões, porém de uma forma que contribua para um leitor que busca descobertas e questionamentos de mundo, permitindo sua entrada crítica em âmbitos sociais e culturais no meio adulto de modo a desenvolver seu lado psicológico, intelectual e espiritual.

Em continuidade à análise da obra, Greg e seu amigo Rowley apropriam-se de algo alheio: um filme de terror, cuja classificação não é permitida para crianças. Mesmo sendo algo proibido, assistem ao conteúdo do filme, o que lhes causa o medo de serem descobertos pelos pais de Greg. Isso, de fato, não pôde ser evitado e o resultado é o personagem ser castigado e repreendido: “[...] a mamãe me passou um sermão sobre como os meninos da minha idade assistem a filmes violentos e jogam videogame demais, e não sabem o que é entretenimento de VERDADE” (KINNEY, 2011, p. 32).

Nessa situação evidencia-se, então, mais um conflito cotidiano comum às crianças e jovens, com a transgressão como afirmação da identidade: de acordo com o mundo imaginativo infantojuvenil – um sujeito é corajoso por fazer algo proibido, uma pessoa destemida dos possíveis castigos ou, ainda, de um menino que já possui idade suficiente para decidir escolher – todas são características positivas. Neste caso, trazer uma transgressão como discussão do enredo é um recurso de fazer com que o leitor se questione sobre tal comportamento. Em contextos educacionais, pode-se sugerir que o estudante-leitor reflexione acerca do episódio narrado, no sentido de que seja mediado à conclusão de que os limites são disponibilizados de acordo com a maneira com que os sujeitos consigam lidar com a situação: neste caso, Greg não possui a idade indicada para que assista ao filme, não sendo recomendado a ele, o que pode gerar problemas em níveis emocionais e psicológicos.

Além disso, outro debate encontra-se no castigo que o personagem-narrador recebe referente à transgressão: a elaboração de um “clube de leitura” para os garotos do bairro, na intenção de ensinar o que é uma “boa literatura”. O garoto, entretanto, não cumpre a tarefa e, assim, fica sem assistir televisão até terminar de ler o livro indicado por sua mãe.

De acordo com Góes (1984), a literatura não tem a função de educar a criança, pois cabe à família exercer esse papel. Então, ao tratar a literatura como castigo para educar, corre-se o risco de despertar na criança o asco relativo ao ato de ler, contrário aos objetivos de uma literatura envolvida com a formação da criticidade, da consciência, a oportunidade de fruição e demais processos criativos a partir da leitura.

Em outro momento, Greg conta sua experiência ao ir à biblioteca emprestar um livro:

[...] quando eu tinha oito anos, peguei um livro emprestado da biblioteca e depois me esqueci completamente dele. Encontrei o livro alguns anos depois, atrás da minha escrivaninha, e me dei conta de que provavelmente estaria devendo uns dois mil *mangos* em multa pelo atraso (KINNEY, 2011, p. 38).

Ao retratar esse parágrafo da obra nos deparamos com várias indagações, as quais podem ser utilizadas em contextos educacionais para maior debate

interpretativo e reflexivo dentre os estudantes-leitores e professores-mediadores, a citar: qual a importância de ler, para o personagem? Será que ir à biblioteca faz parte de uma rotina ou não encontramos livros interessantes o suficiente em uma biblioteca? Qual a responsabilidade que devemos ter ao emprestarmos um livro? Que relações Greg conseguiu estabelecer com os livros?

Sobre tais debates acerca das bibliotecas, recorre-se a Góes (1984) quando assevera que seu papel é fundamental e insubstituível para o desenvolvimento verbal da criança no que se refere à relação criança/adulto, pois a biblioteca ajudará a formar o hábito pela leitura, assim como ocupar o tempo com algo produtivo, que seria a leitura do livro, mantendo a sua relação com ele. Será também o bibliotecário que condicionará a escolha do livro? Para isso, de acordo com o autor, o profissional deve conhecer a obra e tudo aquilo de bom que seu conteúdo irá proporcionar, visto que,

Na biblioteca, crianças que tiveram tantas dificuldades em seus lares, principalmente as dos meios com poucos recursos, poderiam se desenvolver. Essas crianças encontrariam, então, no livro, sua entrada para um mundo mais amplo. Teriam a oportunidade, também, do encontro com adultos diferentes dos do seu convívio habitual: outros pais, funcionários, professores, etc (GÓES, 1984, p. 34).

Com isso, Greg demonstra uma infeliz realidade ao descrever que foi até uma biblioteca com oito anos de idade e nunca mais voltou, nem sequer para devolver o livro, “Então eu enfiei o livro numa caixa de gibis velhos no meu armário, e ele está lá até hoje. Desde então, não voltei à biblioteca, mas sei que, se algum dia eu FOR até lá, vão estar esperando por mim” (KINNEY, 2011, p. 38). Assim, o assunto foi tratado com indiferença pelo personagem, quiçá temor; e ao evidenciar erros de tais instâncias, o docente, em aula, novamente pode instigar o estudante-leitor a reflexionar sobre a temática: “eu, leitor, faria o mesmo que Greg?”.

Outrossim, Goés (1984) também aborda que a falta de orientação em relação à criança que lê: ao passo que a obra apele ao sentimento de identificação, sendo positiva ou negativa, pode ocasionar confusão ou distorção daquilo que se considere uma norma social correta. Neste sentido o autor discute que o discernimento crítico, político e cultural é estruturado na formação leitora, pois deve proporcionar ao sujeito que saiba diferenciá-los. Então,

Devemos lembrar que as crianças não orientadas, escolhem, muitas vezes, levadas pela publicidade. É preciso ir além do comercial e não sacralizar o que é publicado. Também devemos lembrar que a criança é um ser em desenvolvimento, portanto limitado; não deve ser deixada só, para escolher ou mesmo escrever livros. É bom lembrar que escolher livros não quer dizer censurar, mas antes mostrar seu valor (GÓES, 1984, p. 25).

Entretanto, a sociedade, para Góes (1984), não faz a distinção entre criança e adultos, pois permite, muitas vezes, que crianças e jovens vejam os piores exemplos nos meios de comunicação. Deve-se buscar, então, uma literatura infantil e juvenil como uma estratégia, forma ou modelo de crescimento cultural, social, político e, portanto, educativo (GÓES, 1984, p. 45).

Em outro momento, a obra *Diário de um Banana: dias de cão* também retrata a comemoração do aniversário de Greg, que comenta querer comemorar em família, mas de uma forma diferente, porque está cansado de convidar crianças, pois essas acreditam ter o direito de brincar com brinquedos dele, além de que os presentes são comprados pelas mães dos convidados, não sendo estes do agrado de Greg. O motivo de preferir festas em família é pelo fato de que, geralmente, os presentes são em dinheiro, o que, pra o personagem é muito mais vantajoso:

A mamãe disse que poderia ter uma festa em família desde que promettesse não fazer o que sempre faço com os cartões de aniversário. Empilho eles direitinho e depois abro cada um, dando uma chacoalhada para o dinheiro cair. Desde que eu não pare para ler nenhum [...]. A mamãe diz que o jeito que faço é insultante para as pessoas que me deram os cartões. Ela disse que dessa vez tenho de ler cada um e agradecer a pessoa que me deu (KINNEY, 2011, p. 76).

Essa passagem da obra evidencia o empenho da mãe do personagem no desenvolvimento do lado emocional do garoto, seu apego familiar ao incentivar uma relação de afeto diante de uma situação comemorativa, além disso, pode-se apreender que tenta ensinar a valorizar outras relações que não só as econômicas. Por outro lado, nota-se que o autor se preocupou em mostrar que a família é importante, e ser educado abordando as pessoas respeitosamente contribui para um indivíduo mais apto ao universo familiar.

Além disso, outro acontecimento que pode ser levado em consideração em ações docentes relativas ao *Diário de um Banana: dias de cão* é um passeio de Greg com seus irmãos e mãe ao shopping, em específico até a loja de animais,

Mamãe deu uma nota de cinco merrecas a cada um de nós e disse que podíamos comprar o que quiséssemos, mas cinco merrecas não te levam muito longe em uma loja de animais. Eu acabei me decidindo por um acará-bandeira, um peixe muito maneiro, todo colorido (KINNEY, 2011, p. 92).

É possível identificar nesse trecho o direcionamento da mãe acerca da escolha do presente, deixando uma margem de decisão para os filhos. Nesse momento, em âmbitos educacionais, pode-se trabalhar com o leitor a questão do consumismo, mostrando-lhe que, com pouco dinheiro, também é possível comprar algo interessante ou, ainda, questionar-se o que realmente é necessário comprar. Ademais, destaca-se que, com isso, a narrativa volta-se ao estímulo de um comportamento mais responsável e maduro na criança-personagem: “[...] essa é a primeira vez que eu tenho meu próprio bicho de estimação, e estou começando a gostar. Alimento meu peixe três vezes ao dia e deixo o aquário bem limpinho” (KINNEY, 2011, p. 93). Além disso, ao tratar o controle que os pais exercem sobre seus filhos em relação aos presentes, volta-se a uma discussão que não contribua ao consumo desenfreado, sendo imprescindível a mediação de um adulto para que a criança alcance tal discernimento.

Ao fim da obra, o garoto deixa transparecer que suas férias realmente não ocorreram como gostaria, nem mesmo para sua mãe – que deixou registrado em seu álbum de fotos o que gostaria que tivesse ocorrido. Greg comenta:

Hoje percebi que as férias de verão tinham basicamente terminado quando a mamãe acabou de montar seu álbum de fotos. Dei uma folheada e, para ser sincero com você, não parece que ficou um retrato muito fiel do nosso verão. Mas acho que a pessoa que tira as fotos é quem conta a história (KINNEY, 2011, p. 214).

Assim, acerca do que foi destacado, podemos entender que as compreensões críticas da vivência humana diferem quando se trata de uma criança a um adulto, pois a mãe de Greg teve uma percepção sobre o que o filho estaria vivenciando, ainda que equivocada, em suas fotos tiradas nas férias, descrevendo-

as como algo que ela realmente gostaria que tivesse acontecido, contrapondo aos ensejos de seu filho. Apresentam-se, assim, dois modelos de férias de verão: para a mãe, férias com a família mais unida e, para Greg, férias jogando videogame e assistindo à televisão. Neste íterim, é válido que o docente utilize tais informações a fim de que os estudantes consigam identificar os diferentes pontos de vista sobre a mesma situação, enfatizando a inexistência de uma história única.

Ao analisar partes específicas da obra *Diário de um Banana: Dias de Cão*, é possível compreender o porquê desse subtítulo, uma vez que a obra tenha sido abordada pela própria criança; refere-se às férias de Greg e ao fato de que tudo aconteceu diferente do que planejou, ou seja, recebeu castigos, ficou sem televisão e sem videogame, teve ainda que fazer passeios e atividades propostas pela mãe, contra sua vontade.

Considerações finais

O presente artigo ocupou-se em compreender como o livro o *Diário de um Banana: Dias de Cão*, tornou-se um dos mais lidos entre o público infantojuvenil e, além disso, oferecer uma possibilidade de leitura crítica e mediada pelo professor na escola.

Em síntese, observa-se que a leitura da obra é extensa, mas prazerosa para quem a lê, pois retoma o cotidiano e utiliza-se de situações divertidas ao longo do enredo. Com isso, compreendeu-se o gosto pela leitura e a contribuição para a formação do leitor crítico, percebendo que a obra possui possibilidades de fruição, imaginação e incentivo ao discernimento crítico, sendo formativa ao caráter identitário do sujeito leitor.

Tal formação pode ser alcançada por meio da leitura conduzida por um mediador, contribuindo para a formação de um aluno-leitor crítico. O mediador-professor pode abordar questões diversas, como o consumo de massa, a classe social, a importância familiar, o respeito, as transgressões. Desse modo, ao buscar-se Azevedo (2004), a leitura da obra em questão pode formar nos sujeitos gosto pela leitura, devido à recorrência da verossimilhança, ainda contribuindo para abordagens didáticas que recorram a debates atuais e contemporâneos. Assim, ao tratar-se dos métodos que enriqueçam o aprendizado e que estimulem a sensibilidade do

estudante-leitor (GÓES, 1984), se espera que, após adquirir o hábito pela leitura, consiga fazer suas próprias escolhas, recusando o que não lhe convém e selecionando a leitura que lhe trará uma formação de um sujeito crítico e de opinião. Primeiramente, é necessário despertar o gosto pela leitura na criança, para que depois se aprofunde o aprendizado dos livros como leitura de caráter reflexivo.

A partir dos estudos realizados, considera-se que o best-seller *Diário de um Banana* pode ser uma leitura que contribui para estimular o gosto pela literatura, enriquecendo o vocabulário do leitor, para que ele tenha mais clareza em suas interpretações, assim como seja capaz de estimular sua imaginação e compreensão literária. Ademais, por meio dos elementos elencados como verossímeis ao cotidiano contemporâneo presentes na obra, salienta-se que o autor os utiliza como recurso estético, conseguindo a atenção do público infantojuvenil e contribuindo para que a fruição ocorra, pois abordam temas que fazem parte do meio infantil e infantojuvenil possibilitando um vínculo entre o leitor e o conteúdo literário.

A partir dos elementos apresentados, observa-se a possibilidade de trabalhar com esse tipo de leitura no contexto escolar, com a mediação efetiva do professor, aproveitando para discutir os temas que são e os que não são abordados durante a trama, que podem ser dialogados, discutidos e problematizados pelo professor, sem esquecer de apresentar também outras literaturas para alcançar o objetivo de, além de formar leitores, formar, acima disso, leitores críticos.

Desse modo, acredita-se que é necessário aproveitar esse fascínio que a obra exerce sobre os jovens, cabendo aos educadores descobrir uma forma de usar leituras de entretenimento, como a que se analisa neste trabalho, para despertar o interesse por outros tipos de literaturas, bem como tornar o leitor crítico pela análise do contexto da obra.

Referências

- AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.). *Caminhos para formação do leitor*. In: Formação de Leitores e Razões para Literatura. 1. ed. São Paulo: DCL, 2004. p. 38-43. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Formacao-de-leitores-1.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 5. ed. São Paulo: Annablume, 2002.

BRITTO, Luiz Percival Leme. *Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

CARDOSO, Celina. Autor de "Diário de um Banana" conta curiosidades e responde fãs. Entrevistado: Jeff Kinney. *Uol*, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2013/05/28/autor-de-diario-de-um-banana-conta-curiosidades-e-responde-fas.htm>. Acesso em: 30 abr. 2020.

COHEN, Marina. *Jeff Kinney: 'Greg é uma versão exagerada do meu pior lado'*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/megazine/jeff-kinney-greg-uma-versao-exagerada-do-me-u-pior-lado-8493156>. Acesso em: 30 abr. 2020.

FANTINATI, Carlos Erivany. ANTUNES, Benedito. MARTHA, Alice Áurea Penteadó. Rir é o melhor remédio. In: PEREIRA, Rony Farto. BENITES, Sonia Aparecida Lopes. *A roda de leitura: língua e literatura no jornal Proleitura*. Assis: ANEP, 2004. p. 177-185.

HORN, M. *The world encyclopedia of Comics*. New York: Chelsea House, 1976.

MUNDT, Renata de Souza Dias. A adaptação na tradução de literatura infanto-juvenil: necessidade ou manipulação? In: FILHO, José Nicolau Gregorin. PINA, Patrícia Kátia da Costa. MICHELLI, Regina da Silva. (Orgs.). *A Literatura infantil e juvenil hoje: múltiplos olhares, diversas leituras*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011. p. 283-298. Disponível em: http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/a_literatura_infantil_e_juvenil_hoje.pdf. Acesso em: 30 abr. 2020.

GOES, Lúcia Pimentel. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1984.

KINNEY, Jeff. *Diário de um banana: dias de cão*. São Paulo: Vergara e Ribas, 2011.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira história e histórias*. São Paulo: Ática, 1985.

VILLELA, Lucinéia Marcelino. A tradução de diários para o público infanto-juvenil: as adaptações culturais do livro diário de um banana (volume 1). *Traduzires*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 62-73, set. 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/traduzires/article/view/20804/19169>. Acesso em: 30 abr. 2020.

Recebido em: 08/10/2020

Aceito em: 21/11/2020